

SIDEKUM, Antonio, ARENDT, Isabel, GRÜTZMANN, Ingrid. *Campos múltiplos: identidade, cultura e história. Festschrift em homenagem ao Prof. Arthur Blasio Rambo*. São Leopoldo: Nova Harmonia / Oikos, 2008.

FESTSCHRIFT PARA O PROFESSOR ARTHUR BLÁSIO RAMBO

GRUPOS ÉTNICOS, ESTRATÉGIAS ÉTNICAS¹

Regina Weber*

Convite à Colônia Polonesa

A União Cultural dos Poloneses no Brasil, a Sociedade Cultura, a União de Nossa Senhora do Monte Claro e a Liga de São Casimiro, convidam a Colônia Polonesa a tomar parte da comemoração da Constituição Polonesa de 3 de Maio de 1791; será realizada Missa solene no dia 6 (Domingo) às 9:30 horas na Igreja de Nossa Senhora do Monte Claro, e à noite às 20 horas, Sessão Cívica na Sociedade Cultura, sita à rua Santos Dumont, 1150 – A Comissão. (*Correio do Povo*, n. 176, 6 maio 1951, p. 6.)

Aniversário da Floresta Aurora

Em comemoração aos seus 80 anos [fundada em 1872], a sociedade oferecerá baile de gala, no dia 1º, na sua sede na rua Lima e Silva. O presidente da Câmara Municipal de Porto Alegre, o Sr. Armando Temperani Pereira será o convidado de honra. (*Correio do Povo*, n. 77, 31 dez. 1952, Seções, p. 8.)

Convite

A União Sírio-Libanesa tem o grato prazer de convidar seus associados, amigos, membros da Colônia Sírio-Libanesa e seus descendentes e exmas. famílias para tomarem parte nas festividades que levará a efeito em sua sede social, à rua dos Andradas, 941, domingo, 19 do corrente, em homenagem à República Síria pela passagem de seu aniversário de Independência ocorrido em 17 deste mês. Programa – às 10 horas – Missa em Ação de Graças pelo Ver. Padre Lázaro Neme da Igreja Ortodoxa de Entre Rios – Rep. Argentina, na sede da sociedade; às 12 horas – churrasco; às 15 horas – Hora de arte. Pelo comparecimento, agradece. A diretoria. (*Correio do Povo*, n. 167, 18 abr. 1953, Seções, p. 7.)

Missa lembra 130 anos da imigração polonesa

A passagem dos 130 anos da imigração polonesa no Rio Grande do Sul foi lembrada ontem com missa na capela do Pão dos Pobres, na Cidade Baixa, celebrada pelos padres Leon Lisiewicz, Roberto Paz e Natal Bosio. A comemoração, organizada pela Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE/RS) E pela Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol), teve também um almoço de confraternização. (*Correio do Povo*, 30 set. 2005, p. 16)

Natal Étnico

Começam amanhã os atrativos do Natal Étnico de Não-Me-Toque, berço da imigração holandesa no Estado. Show e espetáculo de fogos marcarão a abertura, às 20h, no Ginásio Poliesportivo. A programação prossegue até 31 de dezembro na praça Dr. Otto Schmiedt, com apresentações de bandas e grupos de danças, entre eles o holandês De Tulp, o alemão Immer Lustig Und Durstig e o afro Unegro. (*Correio do Povo*, 25 nov. 2005, Cidades, p. 21)

¹ Os dados aqui apresentados foram levantados no desenvolvimento dos projetos “Porto Alegre como contexto pluriétnico: análise bibliográfica, documental e institucional” e “Três Representações em perspectiva: libaneses, espanhóis e poloneses”, que contaram com financiamento do CNPQ da FAPERGS.

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Como diferentes grupos étnicos afirmam suas identidades em seu próprio grupo e como estes se dão visibilidade em contextos interétnicos? Cada grupo social tem sua história e suas manifestações culturais estarão vinculadas a esta história, mas as possibilidades de expressão social são também condicionadas pelo contexto, que tanto pode limitar quanto ensejar determinadas formas de manifestações identitárias. Os dois grupos de notícias acima reproduzidos, os três primeiros de meados da década 1950 e os dois últimos dos dias atuais, separados, portanto, por meio século, vão servir para refletir sobre o assunto em duas situações históricas diferentes que tem por lócus o Rio Grande do Sul.

Inicialmente, duas observações, uma de caráter teórico e outra de cunho metodológico. A reflexão proposta freqüentemente remeterá a atos ou modos de “institucionalização” de identidades, que é uma noção que demanda explicitação. A conotação mais acessível da expressão está associada à formalização de entidades, tais como clubes e associações. Para compreendermos a relevância de tais fatos, que são corriqueiros em sociedades burocratizadas como a nossa, vejamos o significado do traslado da padroeira para uma igreja própria e da obtenção do Compromisso da Irmandade por parte da irmandade do Rosário, uma congregação de Irmãos negros, em 1828:

Possuidores, finalmente, de um instrumento legal que respaldasse suas idéias e de um espaço seguro para incrementar o culto e aumentar o patrimônio, os negros efetivamente planejavam uma série de ações que tinham por objetivo provar a sua capacidade em ampliar os recursos materiais e intelectuais (Müller, 1999, p. 58).

É preciso ver, por trás de tais fatos institucionais, o fato histórico e sociológico da constituição de uma elite letrada negra, em pleno período escravocrata. Para entendermos como fenômenos cotidianos de nossa sociedade acabam por ser internalizados, o que dificulta nossa capacidade de compreendê-los, retomemos uma discussão sociológica mais complexa:

A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. Dito de maneira diferente, qualquer uma dessas tipificações é uma instituição. [...] As tipificações das ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas. São *acessíveis* a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais (Berger, Luckmann, 1973, p. 79).

A formação de hábitos, que precedem todas as institucionalizações, fornece ao homem uma direção para suas atividades (como construir uma canoa de paus, por exemplo) que não lhe é fornecida por seu equipamento biológico. As instituições são sempre produto de um processo histórico e visam estabelecer padrões para a conduta humana. Ao adquirir historicidade, as instituições passam a ter outra qualidade, a objetividade, isto é, elas apresentam-se para as gerações seguintes cristalizadas, como se possuíssem uma realidade própria. “Um mundo institucional, por conseguinte, é experimentado como realidade objetiva. Tem uma história que antecede o nascimento do indivíduo e não é acessível à sua lembrança biográfica” (Berger, Luckmann, 1973, p. 86). Quando as objetivações da ordem institucional têm que ser transmitidas a uma nova geração, surge o problema da legitimação. Os autores distinguem quatro níveis de legitimação: 1) legitimação incipiente (presente na transmissão das experiências cotidianas via linguagem); 2) proposições teóricas rudimentares (provérbios, ditados, histórias populares); 3) teorias explícitas e 4) universos simbólicos. Este último nível, que se refere a processos de significação que se referem a realidades diferentes das pertencentes à experiência da vida cotidiana, é que importa destacar, pois a simbolização, conduzindo a sentimentos de segurança e participação, legitima a identidade do indivíduo e dota a comunidade de um sentido transcendente:

O universo simbólico também ordena a história. Localiza todos os acontecimentos coletivos numa unidade coerente, que inclui o passado, o presente e o futuro. Com relação ao passado, estabelece uma “memória” que é compartilhada por todos os indivíduos socializados na coletividade. Em relação ao futuro, estabelece um quadro de referência comum para a projeção das ações individuais. Assim, o universo simbólico liga os homens com seus predecessores e seus sucessores numa totalidade dotada de sentido, servindo para transcender a finitude da existência individual e conferindo um significado à morte individual (Berger, Luckmann, 1973, p. 140).

Tomando as considerações de Berger e Luckmann, pode-se propor que os grupos étnicos, ao mesmo tempo em que lançam mão de formas de expressão já reconhecidas (ações habituais institucionalizadas) em seu tempo histórico, tais como missas, sessão cívica, hora de arte, baile de gala, almoços de confraternização², grupos de danças, também veiculam significados simbólicos que são diferentes daqueles do mundo religioso ou do político.

² A palavra “churrasco”, no sul do Brasil, geralmente por si só, expressa a idéia de confraternização.

As reflexões acima também auxiliam a estabelecer uma necessária distinção entre “imigrantes” e “grupos étnicos”, ainda que haja uma larga sobreposição entre ambos os termos, o que permite que, em muitas situações, eles sejam utilizados indistintamente. Os grupos étnicos, originados por migrações ou por outro fenômeno, vão sempre depender da existência de uma comunidade, cujos membros reconheçam-se como portadores de uma determinada identidade, associada a uma origem comum. Se, portanto, definirmos grupo étnico como “um grupo cujos membros possuem uma identidade distintiva atribuída, e sua distintividade como grupo tem quase sempre por base uma cultura, origem e história comuns” (Seyferth, 1986, p. 586), podemos supor que dificilmente imigrantes não se constituirão como grupos étnicos. A diferença – quando existente – está no modo do pesquisador visualizar “como” este processo ocorre. A constatação com a qual os historiadores estão a ver-se é que as identidades não são transportadas e reimplantadas em outros lugares, mas estão sempre sendo reconstruídas em função das novas circunstâncias e dependem muito das circunstâncias do contato estabelecido com outros grupos no novo contexto. O fato de que o triunfante “princípio de nacionalidade”, que certamente muito contribuiu para uma visão cristalizada das identidades étnicas dos imigrantes, já não se apresentar como “o principal vetor do desenvolvimento histórico” (Hobsbawm, 1991, p. 196) tem propiciado e demandado novas reflexões sobre a temática.

A observação metodológica refere-se ao uso, ainda que não exclusivo, da imprensa como fonte. O periódico *Correio do Povo*, jornal de maior circulação no Rio Grande do Sul no período, e outras publicações seriadas manuseadas por pesquisadores cujas análises estão sendo incorporadas, não estão, neste texto, servindo apenas para obter informações do cotidiano ou representações (Zicman, 1985), mas como instrumentos de mídia através do qual os grupos davam-se visibilidade social. O papel da mídia no desenvolvimento de muitos de processos históricos tem sido crescentemente apontado pelos historiadores. Desenvolvidos para compreender os fenômenos que se tornaram evidentes nas sociedades contemporâneas, nas quais proliferam meios de comunicação de massa, o conceito de “mídia” e as teorizações relativas ao assunto, são, entretanto, aplicáveis a outros períodos históricos, auxiliando a compreender o poder transformador de determinados processos históricos tais como as Reformas do século XVI ou a Revolução Francesa (Briggs, Burke, 2004). As notinhas sobre atividades sociais e culturais de grupos imigrantes certamente estão um tanto distantes das grandes campanhas de formação de opinião que existiram em determinados períodos históricos, mas elas podem revelar ao pesquisador alguns elementos importantes: 1) o grau de cristalização de determinadas identidades étnicas ou nacionais,

expresso pela existência de clubes, entidades, festividades, sedes de associações, etc.; 2) a possibilidade de fazer-se noticiar; 3) as formas socialmente aceitáveis e mais generalizadas de expressão dos grupos sociais. Nesta utilização da imprensa como fonte, tem-se buscado menos “dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade” e mais “o destaque conferido ao acontecimento” (Luca, 2005, p. 140). As notas, via de regra, estavam em pequenas colunas, nas páginas internas do jornal e, de um grupo a outro, uma diferença a ser observada é a frequência com que apareciam.

Muitas pesquisas sobre grupos específicos e utilizando diversas fontes já sistematizaram isso que está sendo denominado formas institucionalizadas de expressão identitária.³ A principal vantagem do periódico diário é possibilitar uma visão panorâmica dos grupos atuando em um mesmo período. O fato de a imprensa demandar notícias não descaracteriza o efeito da visibilidade. As notas na imprensa estão sendo analisadas como um dos recursos de que dispõem os grupos étnicos para afirmar-se positivamente ante outros grupos, pois, não sendo algo espontâneo, a identidade étnica “requer, em primeiro lugar, que haja interesses nisso e em segundo lugar, que os interessados disponham de recursos (intelectuais, sociais, institucionais) para a efetivação das estratégias nesse sentido da valorização positiva desta identidade” (Coradini, 1996, p. 33). É justamente essa idéia de “recursos” – em sentido amplo – que norteia a utilização, como fonte, de registros de atividades “sociais” de grupos étnicos, pois, para atingir essa etapa de projeção social, o grupo terá ultrapassado a fase em que suas energias são quase todas empregadas na sobrevivência cotidiana. Veja-se o caso dos imigrantes organizados em torno à Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos. Fundada em 1893, a entidade, em suas primeiras décadas de existência, ocupava-se basicamente das questões de assistência aos imigrantes e seus filhos (Vargas, 1999). Em 1923, sem que seu nome seja alterado, há uma mudança em seus estatutos e suas funções são ampliadas. Paralelamente à dinamização das seções de “Cultura y Recreo”, está a disposição de desenvolver uma ação cultural intensa, cujo objetivo principal é o fomento do “españolismo” no país. A inauguração do “prédio social” em 1929 demonstra que, na década de vinte, existia um número suficiente de membros com poder aquisitivo para arcar com os gastos da aquisição do terreno e da construção do imóvel em prol do “espanholismo”.

O melhor exemplo de negociação de espaços de visibilidade é dado pelas relações entre os grupos negros e a imprensa, o próprio Correio do Povo, nas décadas de 1930 e

³ Veja-se, a título de exemplo, as pesquisas de Liane Müller (1999) sobre associações negras, de Haike K. da Silva sobre a SOGIPA (1997), de Iolanda G. Vargas (1979) sobre a Sociedade Espanha de Socorros Mútuos e de Wilma F. Kreling (1979) sobre a Casa de Espanha de Porto Alegre.

1940, em meses específicos do ano, os relativos ao Carnaval. Estas décadas caracterizam-se pela afirmação massiva e insistente de uma identidade nacional, através do uso cotidiano de vários meios e, particularmente, dos canais midiáticos. Alçados a representantes típicos da nacionalidade brasileira, o samba, o carnaval e os grupos populares passaram a ter espaço garantido nas páginas da imprensa nestes meses de verão:

Era na frente de prédios da imprensa, como no do Correio do Povo ou do Diário de Notícias, que os blocos populares faziam pelo menos uma de suas passeatas. Muitos blocos populares visitavam as redações, ocasião em que tiravam fotos que saíam nas páginas dos jornais. E eram vários os blocos populares que em concursos carnavalescos levavam faixas saudando a imprensa. Construíam carros alegóricos em sua homenagem ou lhe dedicavam um dos dias da festa (Germano, 1999, p. 96).

Com o poder de conceder projeção aos inúmeros grupos populares que a demandavam, a imprensa acabou por influenciar o carnaval de Porto Alegre, tanto nos modos de desfilar e nos estilos musicais, quanto na definição do que significava ser *mais brasileiro* e nos elogios à *disciplina* e à *organização*. Assim como as associações de imigrantes tiveram que “abrasileirar” os nomes de suas instituições, os grupos carnavalescos negros que ambicionavam projeção foram incentivados a depurar de suas manifestações elementos considerados muito “africanizados”⁴ e esforçaram-se em apresentar-se como disciplinados e bem organizados (Germano, 1999, p. 99, 140).

É oportuno observar que os grupos étnicos possuíam seus próprios periódicos, tais como folhetos, jornais, almanaques ou revistas, que constituem uma das primeiras formas de materialização da identidade étnica e certamente tratam-se de um meio bastante eficaz de mobilização dos membros do próprio grupo. Contudo, justamente por terem por alvo o próprio grupo, não são instrumentos eficientes para atingirem a sociedade como um todo. A existência de um periódico que se pauta por dar notícias similares de diferentes grupos étnicos, que é o caso do jornal utilizado nesta pesquisa, é indício do desenvolvimento de uma sociedade multiétnica num determinado contexto histórico.

Há certamente formas de expressão, com maior ou menor grau de repercussão entre os membros do grupo e para os não-membros, que não eram divulgadas pela imprensa. Estas formas divulgadas pela imprensa pertencem ao universo da “cultura pública”; contudo, há também a transmissão de valores étnicos por meio da “cultura íntima”, cuja

⁴ O embate entre uma identidade “brasileira”, que valoriza o mulato e utiliza a categoria “moreno”, por contraposição a uma identidade negra ou africana, é analisado em outro capítulo pela autora.

expressão mais exemplar são as relações familiares.⁵ Expressando-se de diferentes formas, a etnicidade demanda do pesquisador o esforço de coligir diferentes fontes. Convém também diferenciar formas de expressão pelo seu grau de formalização. A distinção que Agulhon (1979) faz entre os modos de sociabilidade burguesas e operárias na França do século XIX, mostrando que os burgueses tinham mais condições de criar “círculos” (clubes) formais com estatutos e espaços reservados, é operacional para compreendermos manifestações étnicas no Brasil contemporâneo. A existência de associações étnicas organizadas como entidades com reconhecimento civil, quase sempre possuidoras de uma sede, que é a materialização de um significado simbólico, dependem da existência de uma classe média, isto é, de um número expressivo de membros com poder aquisitivo e alguma disponibilidade de tempo (“recursos”). Constatando a multiplicação das associações teuto-brasileiras de caráter social e desportivo em Porto Alegre no fim do século XIX, Janice Mazo (2003, p. 69) justifica que “a melhoria das condições de vida dos imigrantes alemães possibilitou um tempo livre que associado a outros fatores permitiu-lhes construir espaços para as atividades de lazer”. Como contraponto, vejamos a diferente trajetória na formação de associações de lazer por parte de um dos grupos sociais cuja presença no Estado é bem anterior ao século XIX, o dos negros. A sociedade Floresta Aurora, citada na notícia de 1952, foi fundada ainda no período abolicionista por escravos alforriados músicos e tornou-se um espaço de atuação dos negros que ascenderam socialmente.⁶ Não apenas bailes de gala, mas outras festas do Floresta Aurora eram noticiados pelo Correio do Povo.⁷

Contudo, são conhecidas práticas informais ou pouco formalizadas de expressão identitária dos negros que não resultavam em notícias jornalísticas e pode-se cogitar que outros grupos bem menos numerosos, como os sírios e libaneses, possuíam, na década 1950, maior visibilidade social através de um meio como a imprensa. Para as décadas 1930 e 1940, Íris Germano constatou que existiam, nos “territórios negros”⁸, uma profusão de sociedades recreativas, esportivas, intelectuais e beneficentes, muitas delas associadas aos blocos e cordões carnavalescos que se mantinham durante o ano. Se, durante o carnaval, estes blocos e cordões tinham a possibilidade de aparecer nas notícias que diariamente

⁵ A distinção entre “cultura íntima” e “cultura pública” no estudo da etnicidade foi elaborada por A. L. Epstein e é apropriada por Giralda Seyferth no estudo dos grupos imigrantes no Brasil (ver Seyferth, 1990, p. 94). Um exemplo de prática pouco formalizada e a do “filó”, atividade habitual de comunidades camponesas italianas (Beneduzi, 2004, p. 23-345).

⁶ Sobre a Sociedade Floresta Aurora ver Germano (1999) e Müller (1999) e sobre a constituição de uma camada de negros de classe média, ver Barcellos (1996).

⁷ A estratégia de apresentar-se com suntuosidade e luxo foi utilizada, já no século XIX, pelos Irmãos negros da Irmandade do Rosário (Müller, 1999, p. 60).

⁸ Existiam quatro territórios negros, Areal da Baronesa, Ilhota, Cabo Rocha e Colônia Africana, que perderam tais características no processo de urbanização encetado a partir da década de 1950. Em algumas deles existiam sociedades que Germano (1999) classifica como formadas por uma “elite negra”.

eram fornecidas aos leitores sobre os preparativos das festividades (Germano, 1999, p. 94, 100), durante o ano só os eventos relativos aos grandes clubes eram noticiados.⁹ Muitas das atividades desenvolvidas por estas sociedades negras durante o ano diziam respeito a um cotidiano pautado pela necessidade, como enfrentar as conseqüências de enchentes (Germano, 1999, p. 110) que, caso noticiadas, não dariam o mesmo efeito de representação do grupo social a que se referem.¹⁰ Ainda que se afirme que o estudo da etnicidade requer convergência de reflexões entre antropólogos, sociólogos e historiadores, há que reconhecer a primazia dos primeiros no estudo das configurações identitárias que não se expressam de modo formalizado, no sentido burocrático do termo, que é o caso de comunidades que não constituem nenhum tipo de “associação”.

Por razões diferentes, ambos períodos históricos, os meados do século passado e os inícios deste, são propícios às manifestações étnicas. Dos tempos atuais, é lugar-comum afirmar-se que os tempos de globalização trouxeram, numa espécie de reação em sentido oposto, uma valorização de culturais locais, que serviriam de contrapeso à homogeneização decorrente da mundialização de produtos, mercados e mão-de-obra. No caso específico da história brasileira, há que destacar o aspecto político de que ambos são períodos democráticos. Afirmações públicas de identidades étnicas, muitas delas explicitamente vinculadas a um estado-nação, não são bem-vindas em períodos ditatoriais ou em momentos em que o Estado está envolvido em conflitos com outras nações. Durante o Estado Novo (1937-1945), no Brasil, tal gênero de notícias é bem mais escasso. Por exemplo, em seu estudo sobre o carnaval, Íris Germano observou que a preocupação em associar a festividade a uma manifestação de identidade nacional era tão presente na imprensa que, ao fazer a cobertura do carnaval em clubes de populações imigrantes, o repórter da Revista do Globo utilizou os superlativos “totalmente” e “genuinamente” para descrever o caráter “brasileiro” do carnaval na sociedade espanhola e no Círculo Social Israelita no início da década 1940 (Germano, 1999, p. 238). As manifestações sionistas divulgadas pela imprensa nos anos 1950 (ver adiante) contrastam com as reportagens que, durante o Estado Novo, situavam o judeu como um imigrante indesejável (Lia, 2004). Por outro lado, a divulgação dos episódios da vinda dos filhos dos colonos à capital do Estado,

⁹ Com a tomada das ruas pelos grupos carnavalescos populares, a elite delas se afastou e passou a organizar suas festas “nos clubes, nas ilhas e praias do Guaíba, nas sedes campestres, nas praias do litoral, nos hotéis da serra, nos clubes do interior do estado” (Germano, 1999, p. 86). Ou seja, a popularização do carnaval acabou por incentivar a freqüentação dos clubes nas camadas sociais mais elitizadas.

¹⁰ Alguns cordões carnavalescos, que utilizavam as sedes destes clubes para seus eventos, deram origem a grupos de música que adquiriram projeção social (Germano, 1999, p. 134, 214-218). Tal projeção de alguns indivíduos, se tem efeito positivo sobre a auto-imagem do grupo social, não estende a este suas conseqüências socio-econômicas efetivas.

durante as festividades da Semana da Pátria, expõe a discriminação a que estiveram sujeitos quaisquer imigrantes durante esse período (Petry, 2004). Passemos, então, a analisar algumas estratégias de afirmação de identidades étnicas na década 1950 e na que está em curso, pelas suas similitudes ou diferenças, associando-as com as circunstâncias históricas dos grupos ou das sociedades em que eles se inserem.

Nas explicações acima, sobre atos de “institucionalização” de manifestações identitárias, sobre a visibilidade social dos grupos étnicos através de periódicos, sobre a relação entre visibilidade social e formalização de entidades associativas, que implicam na existência de “recursos”, a importância das associações recreativas já foi bastante abordada. Para enfatizar que o caráter étnico dos “clubes” é produto de um processo histórico e de um contexto multiétnico, vejamos os episódios que levaram a uma diversificação dos clubes de remo em Porto Alegre (Mazo, 2003, p. 93-102). Os primeiros clubes de remo no Rio Grande do Sul foram fundados no fim do século XIX por teuto-brasileiros e utilizavam material importado da Alemanha. No início do século XX, em 1903, um grupo de luso-brasileiros, com dificuldades em assimilar instruções na língua alemã, que era a língua dominante nas associações de remo, fundaram sua própria associação, o Clube de Regatas Almirante Tamandaré, e anos depois, em 1905, uma nova dissidência em um dos clubes alemães levou à criação de um clube que aglutinava alemães e portugueses, o Clube de Regatas Almirante Barroso. Apesar desta iniciativa de associação mista, a “etnização” dos clubes de remo prosseguiu: em 1906 um grupo de colegiais, filhos de imigrantes alemães das classes abastadas, fundou o Ruder Verein Freundschaft (atual Grêmio Náutico União); em 1908, a elite italiana organizou a sua própria associação de remo, a Canottieri Duca degli Abruzzi; em 1917, pela reunião de portugueses, alguns dos quais egressos dos quadros sociais dos clubes Tamandaré e Barroso, é fundado o Clube de Regatas Vasco da Gama. A expressiva presença dos teuto-brasileiros em Porto Alegre na primeira metade do século XX, que se manifestava na criação de múltiplas associações de caráter étnico, acabava por induzir a que outros grupos criassem suas próprias associações, ainda que em modalidades esportivas muito específicas.

O recorrente apelo a rituais sagrados, as “missas”, em manifestações étnicas pode estar associado ao fato da religião ser um poderoso elemento de agregação social, pois vários grupos étnicos, efetivamente, são definidos por determinadas práticas religiosas. Mas o apelo ao sagrado também pode ser explicado pelo seu poder de avalizar representações. A religião proveu o homem de suas primeiras categorias do intelecto

(noções de tempo, de espaço, de gênero, de número, de causa, de substância, de personalidade, etc.) e as representações religiosas, por serem representações coletivas, exprimem realidades essenciais à existência dos grupos sociais: “os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1989, p. 38). Mesmo tendo criado seus próprios ritos, universos não-religiosos freqüentemente lançam mão de rituais religiosos. A etnicidade também possui em comum com a religião um aspecto de “transcendência”: quanto mais distante e nebulosa é a origem de um grupo, mais eficaz é seu efeito simbólico. Observemos as duas transcrições abaixo:

A celebração das festas populares, que, com o nome de “romerias”, são típicas evocações de outras festas, em outros ambientes, celebram-se em toda a América Latina, sob o patrocínio das Sociedades de Socorros Mútuos. Elas têm reunido milhares de pessoas, constituindo o mais sólido elo da grande cadeia que une em vínculo indissolúvel, a todos os países.

A coletividade espanhola, nestas festas populares, tem ocasião para se reunir, dando expansão a seus sentimentos e entusiasmos, e encontra nelas ambiente favorável para mostrar como é na realidade. [...] Pode-se afirmar que estas reuniões, celebradas na Sociedade e no Recanto Espanhol, servem para estreitar os laços de amizade e de irmandade entre toda a grande família de associados (Vargas, 1979, p. 245-6).

O momento solene é iniciado diante dessa mesa, separada dos convidados. O Cheh lê trechos do Corão, após é lida uma tradução dessa fala por um mestre de cerimônia. Depois, segue-se falando em árabe. Usando um lenço branco na cabeça e um óculos escuros, ele discursa. Num segundo momento, os irmãos F* e Z* B* apóiam os cotovelos na mesa e dão as mãos. Segundo S*, nesse momento eles fazem um juramento em árabe celebrando a união da família, dizendo que uma família irá cuidar da outra e assim serão uma única. Convidados aplaudem, pais e mães dos noivos se abraçam e todos assinam um documento muçulmano oficializando o casamento (Peters, 2006, p. 81).

A primeira citação é uma descrição de festas étnico-religiosas do grupo espanhol em uma narrativa onde a precisão dos dados historiográficos é substituída pela eloqüência do intelectual convertido em agente étnico, permitindo que o leitor possa, justamente, observar a presença de metáforas religiosas a serviço da construção de representações étnicas: “celebração”, “evocações”, “vínculo indissolúvel”, “irmandade”, “grande família”. No segundo extrato, temos a descrição de uma cena de um casamento árabe registrado em uma fita de vídeo, que está sendo assistida pela antropóloga em companhia de uma moça da família. Os dois irmãos são os pais dos noivos, pois, conforme a tradição árabe, os primos casam-se entre si. Não se trata apenas de um evento que reforce os laços de uma mesma parentela. É um momento no qual a comunidade palestina se vê afirmada, seja pela

repetição de seus rituais, seja pela presença de autoridades políticas, como o embaixador da Palestina, e ainda pelo número de convidados (2 mil). E tal afirmação é mais efetiva na medida em que é direcionada tanto para o interior da comunidade como para o exterior desta, uma vez que uma parcela expressiva dos convidados, possivelmente 30%, era composta por brasileiros. Quando o discurso étnico-religioso volta-se para a sociedade envolvente¹¹, ele transforma-se em discurso político:

A grandiosidade da festa é medida pelo tipo de casamento que celebra e pela quantidade de convidados, principalmente autoridades que recebe. Esse fato revela também o circuito de relações entre as famílias palestinas e os brasileiros com os quais se relacionam, principalmente no âmbito do comércio nas cidades onde se instalam. O caráter político da festa tem seu momento máximo no ritual quando o patriarca da família que está oferecendo a festa discursa sobre sua condição de imigrante e sua trajetória em localidades brasileiras. Apontei que essa fala evoca a importância de sua família para o mundo árabe e a relação de irmandade entre brasileiros e palestinos. Para os brasileiros tem um caráter pedagógico na medida em que esse discurso explica como é uma cerimônia muçulmana e traduz trechos lidos do Alcorão. Além disso, esse momento reverte uma imagem preconceituosa associada às populações árabes ao positivar a origem do grupo (Peters, 2006, p. 119).

Os elos entre o religioso e o étnico podem ser vistos de um aspecto mais temporal, o do papel das Igrejas como “agentes” étnicos, isto é, como instituições que reforçavam a aglutinação étnica e, ao mesmo tempo, reforçavam-se como instituições. Para o sul do Brasil, esse processo é mais conhecido para o caso dos imigrantes italianos. Mas possivelmente os poloneses, dos quais sempre se destaca a religiosidade, estavam mais restritos à Igreja, no que diz respeito a instituições através das quais pudessem manifestar sua presença. Não lhes faltaram iniciativas de criação de entidades culturais e recreativas, mas por diversas razões, entre as quais há que considerar o papel da sociedade envolvente, as entidades que obtiveram mais reconhecimento foram as de caráter religioso. Para darmos um exemplo, observemos duas sociedades da localidade que já foi denominada Rio do Peixe, Nova Polônia, até emancipar-se como Carlos Gomes em 1992.¹² A mais antiga, sociedade “Tadeu Kosciuszko”, foi fundada em 1926 e só admitia como integrantes poloneses ou descendentes de poloneses. Para fazer-lhe frente, foi fundada em 1938 – já em período nacionalizante – a “Sociedade Carlos Gomes”. Em janeiro de 1941, num momento em que muitas associações e clubes tiveram seus nomes convertidos para o

¹¹ A noção antropológica “sociedade envolvente” refere-se, nesse caso, à sociedade riograndense do período, com seus condicionantes políticos, particularmente os da história nacional, e com suas características culturais, das quais há que destacar o contexto interétnico.

¹² Os dados que seguem estão em Gogulski (p. 75-78).

português, a sociedade “Tadeu Kosciuszko” alterou seu nome para Sociedade Cultural e Escolar “Casimiro de Abreu” e em novembro de 1950 seu patrimônio foi doado à Igreja Matriz de Santa Ana. Estes dados, muito localizados, estão sugerindo que, no contexto da história brasileira, o clero acabou por capitalizar uma hegemonia na organização das comunidades polonesas. Tal conclusão não deixa de estar inspirada no que foi constatado com relação aos “italianos” para o mesmo período, o Estado Novo brasileiro: “Na oposição entre os agentes da Igreja Católica e ideologias secularizadas, no que tange à 'colônia', aqueles conseguiram impor sua perspectiva de modo hegemônico” (Coradini, 1996, 35).

Associada às Igrejas, ainda que nem sempre, estava uma instituição que desempenhou um papel fundamental na preservação de identidades étnicas, a escola. O caso das áreas coloniais do Rio Grande do Sul, particularmente o das escolas teuto-brasileiras (ver Rambo, 1994), tem sido bastante estudado pela historiografia, mas também existem pesquisas que têm revelado o esforço dos negros tanto com a alforria quanto com a educação (Müller, 1999). Quando o Estado, na década de trinta, passou a assumir mais plenamente a tarefa da educação escolar, “o apelo da gratuidade e a possibilidade de os alunos aprenderem melhor o português” (Kreutz, 1994, p. 159) ocasionou a desativação de muitas escolas comunitárias ou paroquiais, e, com a nacionalização compulsória a partir de 1938, estas sofreram um novo impacto, porém, naquelas que continuaram existindo, a abrupta alteração lingüística formal certamente não significou a supressão de seu caráter étnico. Esse processo, contudo, redundou, aos poucos, num sistema escolar perpassado por outras clivagens: confessional / laico e privado / público.

Em dois dos extratos da epígrafe, de notícias dos anos 1950, notamos a vinculação com países de origem e, particularmente, a comemoração de datas da história política destas nações (poloneses festejam constituição polonesa instituída no século VXIII¹³ e sírios e libaneses festejam independência da Síria). O período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial foi um momento de reconstituição do cenário político internacional, com definição e redefinição dos limites de muitos estados e, portanto, um período em que os estados afirmavam suas histórias, seja para justificar conquistas, seja para reivindicar territórios perdidos. As comunidades de imigrantes, instaladas no Brasil, beneficiavam-se da conjuntura que não cerceava suas manifestações. Outros exemplos podem ser citados. O Círculo Social Israelita comemora o 3º aniversário do Estado de Israel;¹⁴ o consulado norte-americano oferece uma recepção no Instituto Cultural

¹³ A sociedade “Tadeu Kosciuszko” festejava a data anos 1930 (Gogulski, p. 75), mas há que destacar a divulgação do fato no contexto interétnico de uma grande cidade.

¹⁴ “Estado de Israel”, *Correio do Povo*, n. 178, 9 maio 1951, Diversas, p. 6.

Brasileiro-Norteamericano em razão do aniversário de Independência dos Estados Unidos;¹⁵ o consulado suíço comemora os 660º anos da Independência da Suíça¹⁶; o Instituto Cultural Brasileiro-Libanês comemora a independência do Líbano na sede do Clube do Comércio;¹⁷ a Casa de Portugal comemora a restauração portuguesa de 1064;¹⁸ em 2 de junho de 1952, em função da Festa Nacional da República Italiana, ocorreram atos comemorativos promovidos pelo consulado da Itália e pelo Instituto Cultural Ítalo-brasileiro.¹⁹ Alguns grupos também deixavam explícitos os seus vínculos com o Brasil e seus compromissos como cidadãos, festejando datas nacionais, como quando a Sociedade Espanhola realiza o “baile da Pátria”, em setembro de 1952.²⁰ É oportuno observar que a comemoração festiva de uma data brasileira, a partir de uma entidade que tem vínculos com outro estado-nação, confere a tais identidades um caráter de opcionalidade. Os judeus, que eram bastante ativistas na sua defesa do recém-fundado Estado de Israel (1948), buscavam também se afirmar pelo apoio a figuras políticas expressivas: quando a Organização Sionista Unificada comemora a partilha da Palestina feita pela ONU, também concede homenagens ao político Oswaldo Aranha; o Comitê Israelita pró Brizola-Vargas demonstra o envolvimento com a própria política partidária em 1951.²¹ Os alemães, por sua vez, canalizavam suas manifestações para uma integração cultural, como quando a SOGIPA anuncia que, na típica festa alemã conhecida como “kerp”, os trajés originais a serem premiados serão “caipira” ou “gaúcho”.²²

A vinculação com o país de origem, que encontrava um respaldo legal e institucional nos consulados, trouxe um dilema para a comunidade polonesa pelo fato da Polônia ter-se tornado um país comunista. Em julho de 1951, várias associações polonesas – União Cultural dos Poloneses no Brasil, Sociedade Polônia, Sociedade Cultura, União de Nossa Senhora do Monte Claro e Liga de São Casimiro – divulgaram manifesto de apoio às medidas preventivas do governo brasileiro com relação à embaixada da Polônia, acusada de tentar propagar o comunismo no Brasil, afirmando que tais ordens vêm direto

¹⁵ “Efeméride Ianque”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 223, 3 jul. 1951, Diversas, p. 6.

¹⁶ “Data Suíça”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 247, 1 ago. 1951, Diversas, p. 6.

¹⁷ “Instituto Cultural Brasileiro-Libanês”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 25, 30 out. 1951, Notas Sociais, p. 8.

¹⁸ “Data portuguesa”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 30 nov. 1951, Diversas, p. 6.

¹⁹ “Data Italiana”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 199, 29 maio 1952. Diversas, p. 6.

²⁰ “Sociedade Espanhola”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 282, 4 set. 1952, Secções, p. 8.

²¹ “Data Judaica”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 27 nov. 1951, Diversas, p. 6; “Israelitas de Porto Alegre!”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 01 nov. 1951, Noticiário, p. 3.

²² “Kerb na Sogipa”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 270, 26 ago. 1951, Notas Sociais, p. 8. SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre) é o nome que, em 1942, num contexto de nacionalização compulsória, substituiu *Turnerbund* (Sociedade de Ginástica).

de Moscou e que o governo legal da Polônia está situado em Londres.²³ Tomar uma posição que pode ser denominada “opção pelo passado”, é tanto uma atitude comum em grupos emigrados que se apegam a uma imagem cristalizada do lugar de origem quanto uma atitude de autodefesa num contexto histórico hostil ao comunismo. Tal situação reforça o argumento de que a Igreja foi se tornando o principal “agente” dos interesses étnicos entre os poloneses.

Pertencendo ao aparato burocrático das nações, as embaixadas e consulados vão alimentar o significado “nacional” das identidades étnicas. Ainda que para um grupo étnico a existência de um “consulado” seja um instrumento de visibilidade social e de legitimação de atividades públicas, como tem sido visto, a existência de um não implica e nem depende da do outro.²⁴

O que a análise tem mostrado até agora é que o jornal veicula modos formalizados de representação identitária que tanto expressam aquilo que o público leitor reconhece quanto contribui para a legitimação de tais práticas. Um consulado, ou pelo menos, um cônsul reconhecido; associações com sedes ou que utilizavam sedes de entidades reconhecidas e com diretorias oficializadas; igrejas e missas solenes; comemoração de datas nacionais ou relativas a aniversários das associações, estes são os exemplos mais freqüentes de um certo nível de objetivação das identidades étnicas há mais ou menos cinqüenta anos atrás. Havia algumas práticas sociais, mais ou menos formalizadas, que também ganhavam visibilidade no periódico investigado, como é o caso das práticas ligadas aos antigos e numerosos grupos de afro-descendentes. Assim como imigrantes – e também operários – organizavam-se em “Uniões”, existia a União dos Homens de Cor, cuja data a ser comemorada, na época, era o 13 de maio.²⁵ Cultos de umbanda adquiriam visibilidade na festa que obteve reconhecimento popular, a das homenagens à Iemanjá.²⁶ Segundo Oro (1996, p. 154), a maior presença de brancos em terreiros de Umbanda fez o

²³ “Os poloneses aplaudem a atitude do governo brasileiro”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 239, 22 jul. 1951, Noticiário, p. 5.

²⁴ Um caso a ser analisado é o dos Estados Unidos. No início da década de 1950, havia uma comunidade norte-americana que fazia apresentar-se com “danças típicas” (“Instituto Brasileiro Norte-Americano”, *Correio do Povo*, n. 237, 20 jul. 1951, Notas Sociais, p. 7.). É de se cogitar que um anti-americanismo presente em nossa sociedade, a par da penetração da cultura de massa americana, tenham dificultado, senão a constituição, pelo menos a visibilidade de grupos étnicos norte-americanos em décadas posteriores. Acerca do anti-americanismo no Brasil, acentuado após o período ditatorial, ver Rodheguero (2002).

²⁵ “A Data de 13 de maio”, *Correio do Povo*, Porto Alegre, n. 182, 13 maio 1951, Noticiário, p. 5.

²⁶ Tanto na edição do evento em 1951 quanto em 1952, o culto está associado à Congregação dos Franciscanos de Umbanda e o ritual é afirmado como “afro-americano-cristão”, isto é, é apresentado com a chancela da igreja católica (“Culto de Umbanda”, *Correio do Povo*, n. 100, 01 fev. 1951, p. 7; “Culto de Umbanda”, *Correio do Povo*, n. 105, 01 fev. 1952, Secções, p. 7).

culto elevar-se na escala sócio-econômica e, no Rio Grande do Sul, essa presença é mais visível a partir da Segunda Guerra Mundial.

No contexto contemporâneo, ilustrado pelas duas últimas citações, nota-se uma mudança nas formas institucionalizadas de expressão étnica. Permanecem as missas e as festas comemorativas, com os bailes dividindo a cena com as apresentações de grupos de dança e de música. Pode-se dizer que se multiplicam os espaços através dos quais os grupos étnicos podem manifestar-se e também que aumenta o número dos grupos que demandam uma existência formal. A solicitação de um “pedido de apoio para criar grupo tcheco” parece contrariar o fato sociológico de que os grupos sociais existem antes de qualquer ato de formalização, no entanto, a linguagem do repórter revela o reconhecimento formal da existência de “etnias” por parte dos poderes públicos e, conseqüentemente, pela imprensa.²⁷ A institucionalização do Dia Estadual das Etnias pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul em 2005²⁸ ampara uma busca de legitimidade de mão dupla: dos poderes públicos antes as numerosas comunidades de descendentes de imigrantes no Estado e destes ante a sociedade envolvente.

Os grupos negros são dos mais atuantes em termos de conquistas de espaços de visibilidade, um processo que tem dimensões nacionais. A possibilidade de titulação de terras por parte de comunidades enquadradas na categoria “remanescentes de quilombos”, prevista pela Constituição Federal de 1988, no Artigo 68 das Disposições Transitórias, tem ocasionado mobilizações que envolvem as comunidades que pleiteiam a condição de *quilombola*, pesquisadores universitários e poderes públicos em várias instâncias.²⁹ A exclusão social tem gerado a demanda de participação social, questão que o estado democrático não pode recusar-se a enfrentar:

Painel “Etno-Sustentabilidade: a identidade como possibilidade de autosustentabilidade”

O Núcleo de Igualdade no Trabalho (NIT) da Delegacia Regional do Trabalho (DRT/RS), em conjunto com as entidades e organizações de Defesa dos Direitos da Comunidade Negra/RS e o Dieese, convidam para o Painel Etno-Sustentabilidade: a identidade como possibilidade de autosustentabilidade, que se realiza dentro da XII Semana de Consciência Negra de Porto Alegre, no dia 19 de novembro, a partir das 9 horas no auditório da DRT/RS, na Av. Mauá, 1013 – 10º andar.

²⁷ “Pedido de apoio para criar grupo tcheco”, *Correio do Povo*, 8 mar. 2006, Geral, p. 14. O que um grupo de descendentes checos está demandando do Secretário de Estado da Cultura é apoio para a criação de uma Comissão da Etnia Checa no Estado.

²⁸ Portal Assembléia Gaúcha, Agência de Notícias, disponível em <<http://www.al.rs.gov.br/ag/noticias.asp?txtIDMateria=123052>>, acesso em 11 mar. 2006.

²⁹ Para exemplo de uma destas mobilizações, ver Gomes (2003).

Na oportunidade, haverá o lançamento da pesquisa Mapa do Negro no Mercado de Trabalho – Dieese 2003.³⁰

Para Glazer e Moynihan (1975) é notável como, no presente, grupos étnicos atuam como grupos de interesse; de uma ênfase na cultura, na língua ou na religião, passou-se à ênfase nos *interesses* amplamente definidos dos membros do grupo. Tanto a existência de uma Câmara de Comércio Italiana no Rio Grande do Sul,³¹ quanto a defesa do sistema de “cotas” podem ser tomados como exemplos de grupos étnicos mobilizando-se em função de “interesses”. Se os negros têm ocupado espaços públicos, há que observar a atuação étnica de outros grupos através de entidades privadas, particularmente as de cunho empresarial. Há antecedentes históricos para este tipo de prática. O mais conhecido é o dos alemães, que, já no século XIX, constituíram o que Paul Singer (1968, p. 165) denominou “dinastias econômicas germano-rio-grandenses”. A trajetória do líder teuto-brasileiro J. Aloys Friederichs mostra que, no início deste século, a atuação em associações esportivas e culturais de cunho étnico era complementar à atividade empresarial (Silva, 2005). A Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE/RS), que além dos 130 anos da imigração polonesa (ver acima), comemorou em 2005 os 130 anos da imigração suíça³², é um exemplo da justaposição de valores religiosos e étnicos com interesses econômicos. Uma recente notícia nos dá a conhecer que existem 16 escritórios comerciais da Holanda no mundo, dois deles no Brasil, sendo que um destes está localizado em Porto Alegre. Na agenda do emissário da Agência de Comércio Exterior, em sua visita à capital, estavam previstas reuniões com empresários gaúchos e “como empresários holandeses que vivem no RS”.³³ Uma atuação multinacional que lança mão de identidades étnicas locais. A presença dos Estados de origem como agentes étnicos, que, em meados do século passado, tinha uma faceta mais política, se reveste, atualmente, de um caráter mais econômico e cultural.

Outros agentes contemporâneos da etnicidade são as lideranças municipais e regionais, sejam elas políticas, empresariais ou culturais, estando estas últimas associadas à expansão do ensino universitário. A promoção de festas étnicas, o incentivo aos museus étnicos, o intercâmbio com os países de origem e o incremento do turismo étnico são atividades que, nos tempos atuais, congregam interesses econômicos e políticos, além de permitirem manifestações identitárias. Rio Pardo, Balneário Pinhal e Taquari são três

³⁰ “Informe 2”, *Informativo ADUFRGS*, n. 098/03, 18 nov. 2003.

³¹ A mobilização dos “italianos” nas últimas décadas foi analisada em outro artigo (Weber, 2005).

³² “Encontro lembra 130 anos da imigração suíça”, *Correio do Povo*, 11 nov. 2005, p. 7.

³³ “Holanda tenta negócios no RS”, *Correio do Povo*, ano 111, n. 164, mar. 2006, Economia, p. 11.

municípios gaúchos que recentemente apareceram em reportagens associados aos “açorianos”. Nos dois primeiros casos, existe o contato de açorianos contemporâneos, por visita ou doação de livros, com municípios riograndenses que, no passado, receberam imigrantes dos Açores; no terceiro, temos um outro exemplo de solicitação de apoio público à formalização de uma entidade étnica, no caso um grupo de danças luso-brasileiras.³⁴ As “Oktoberfest” popularizaram-se desde a década de 1980, como no caso de Igrejinha, que em 2000 realizou a 13ª edição do evento; já a Paveramafest é mais recente e sua 2ª edição foi em 2004, objetivando a comemoração do 16º aniversário de emancipação política do município de Paverama.³⁵ No Rio Grande do Sul, muitos dos distritos que se emanciparam das “sedes” foram, no passado, locais de assentamento de imigrantes direcionadas para as atividades rurais, o que justifica que este novo município tenha predominância de algum grupo étnico. Os poloneses que, comparativamente com os outros dois grandes grupos das áreas coloniais, alemães e italianos, possuem uma organização institucional mais recente, têm atuação em vários municípios. Criada recentemente, em 1990, a Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL) tem constituído ramificações em vários locais. Seu boletim eletrônico de novembro de 2004 noticiava o 1º Polski em Planalto (RS), festa polonesa organizada pela BRASPOL da cidade, e o lançamento de um CD com músicas polonesas do Grupo Recordações, criado no Núcleo da BRASPOL de Nova Erechim (SC).³⁶

Se, num primeiro momento, uma “etnia” pode servir para dar identidade e projeção a um município, num estágio mais urbanizado e desenvolvido economicamente, as cidades não podem desconhecer a pluralidade étnica que, via de regra, as caracteriza. Assim, em tempos de pluralidade étnica, os representantes dos poderes municipais devem festejar a multiplicidade. Esse é o espírito do “Natal étnico” de Não-Me-Toque (ver acima), que assinala a presença inaugural dos holandeses no Rio Grande do Sul, mas conta também com a participação dos grupos de dança alemão e afro-descendente. De modo semelhante, a edição 2006 da Festa de Uva de Caxias do Sul, o município mais representativo da imigração italiana no Rio Grande do Sul, propôs “festejar as culturas que cantam e encantam na Serra Gaúcha” e a programação contou com a presença de bandas de rock, conjuntos de música regionalista e afro-brasileira, além dos tradicionais grupos de música

³⁴ “Rio Pardo - Açorianos conhecem legado dos colonizadores”, *Correio do Povo*, 1º nov. 2005, p. 17; “Balneário Pinhal – Sala Açoriana amplia acervo”, *Correio do Povo*, 22 nov. 2005, Cidades, p. 20; “Dança açoriana busca apoio”, *Correio do Povo*, 2 mar. 2006.

³⁵ 13ª OKTOBERFEST- 2000-Igrejinha/RS (folheto); 2ª PAVERAMAFest, 2004 (folheto).

³⁶ “Notícias da comunidade polonesa no RS”, 30 nov. 2004. A Internet tem se revelado uma fonte para intercâmbios entre descendentes de imigrantes que não residem no mesmo local, particularmente entre os jovens. Sobre o assunto ver Peters (2006).

italiana.³⁷ Ijuí foi uma das primeiras cidades no estado a enfatizar a pluralidade. Tradicionalmente associado à imigração de alemães e, com menor expressão, de italianos e poloneses, o município organiza, desde 1987, a FENADI, Festa Nacional das Culturas diversificadas e já formalizou tal pluralidade na UETI, União das Etnias de Ijuí.³⁸

Deste ensaio comparativo, que centrou em dois períodos históricos, o contemporâneo e o de 50 anos atrás, mas com freqüentes incursões em outras décadas, podemos sistematizar algumas reflexões. A primeira delas é que os grupos tendem a formalizar, a institucionalizar algumas de suas práticas, garantindo, internamente ao grupo, uma organicidade, e projetando para fora uma imagem que almeja reconhecimento. O que Hobsbawm (1987, p. 403) afirmou acerca dos grupos subalternos, de que ele “tornam-se sujeitos e não objetos da história somente através de coletividades formalizadas”, tem paralelo em algumas situações enfrentadas por determinados grupos sociais, como, para citar um exemplo, quando eles instituem o nome pelo qual se reconhecem, evitando as nomações que costumam ser atribuídas pelos grupos mais fortes aos mais fracos (Poutignat, Streiff-Fenart, 1998: 142). Contudo, as formalizações socialmente aceitáveis, essa é a segunda conclusão, variam de acordo com o contexto histórico, o que tanto pode beneficiar ora um, ora outro grupo, quanto fornecer um quadro de referência que tende a homogeneizar algumas práticas e estratégias. A proposição final reafirma o fato, conhecido pela teoria étnica, que vivemos um contínuo processo de criação de grupos étnicos, de transformação dos antigos e de modificação das relações entre eles e deles com a sociedade como um todo.

Bibliografia

AGULHON, Maurice. Sociabilité populaire et sociabilité bourgeoise au XIX^e siècle. In: POUJOL, G., LABOURIE, R. *Les cultures populaires*. Paris: Privat, 1979.

BARCELLOS, Daisy Macedo. *Família e ascensão social de negros em Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

³⁷ FESTA DA UVA, disponível em <<http://www.cvc.com.br/campanhas/cvc/festauva/index.asp>>, acesso em 11 mar. 2006

³⁸ UETI, disponível em <<http://www.unijui.tche.br/~ueti/etni.html>>, acesso em 11 mar. 2006.

- BENEDUZI, Luís Fernando. *Mal di Paese: As reelaborações de um vêneto imaginário na ex-colônia de Conde d'Eu (1884-1925)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. Petropólis: Vozes, 1973 [1966].
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *Uma história social da mídia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- CORADINI, Odaci Luiz. Os significados da noção de “italianos”. In: MAESTRI, Mário (coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 33-39.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989 [1912].
- FRAGA, Gerson Wasen. *Branços e Vermelhos: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- GERMANO, Íris Graciela. *Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia: os negros e o carnaval de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- GLAZER, Nathan, MOYNIHAN, Daniel P. (ed.) *Ethnicity, Theory and Experience*. Cambridge (Mass.): Harvard University, 1975.
- GOGULSKI, Pe. Stanislau. *Caminhando para a Terra Prometida*. Do rio do Peixe, a Nova Polônia, até Carlos Gomes. Erechim. s.d.
- GOMES, Alessandro Garcia. *O processo de manipulação de identidades em uma comunidade a partir de um projeto de intervenção institucional*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. Deveriam os pobres se organizar? [1978]. In: _____. *Mundos do trabalho- novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 391-407.
- KRELING, Wilma Ferreira. *História da Casa de Espanha de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1979.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas da imigração alemã no Rio Grande do Sul. In: MAUCH, Cláudia, VASCONCELLOS, Naira. *Os alemães no sul do Brasil-cultura, etnicidade, história*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994. p.149-161.
- LIA, Cristine Fortes. Presença judaica no noticiário da imprensa de Porto Alegre durante o Estado Novo (1937-1945). In: DREHER, M., RAMBO, A. B., TRAMONTINI, M. J. *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST Edições, 2004 p. 456-462.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. PINSKI, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.
- MAZO, Janice Z. *A Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867 - 1945): Espaço de Representações da Identidade Cultural Teuto-Brasileira*. Dissertação (Doutoramento em Ciência do Desporto) - Universidade do Porto. Porto, 2003.
- MÜLLER, Liane Susan. *As contas do meu rosário são balas de artilharia: irmandade, jornal e associações negras em Porto Alegre: 1889-1920*. Dissertação (Mestrado em

História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Porto Alegre, 1999.

ORO, Ari Pedro. Os negros e os cultos afro-brasileiros no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. p. 147-157.

PETERS, Roberta. *Imigrantes palestinos, famílias árabes: um estudo antropológico sobre a recriação das tradições através das festas e rituais de casamento*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PETRY, Andrea Helena. O papel desempenhado pelo *Correio do Povo* durante o Estado Novo. In: DREHER, M., RAMBO, A. B., TRAMONTINI, M. J. *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST Edições, 2004 p. 426-434.

POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

RAMBO, Arthur Blasio. *A escola comunitária teuto-brasileira*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 1994.

RODEGHERO, Carla Simone. *Memórias e avaliações: norte-americanos, católicos e a recepção do anticomunismo brasileiro entre 1945 e 1964*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SEYFERTH, Giralda. Grupo étnico. In: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. *Dicionário de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: FGV, 1986. p. 530-532.

_____. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. *A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. *Sogipa. Uma trajetória de 130 anos*. Porto Alegre: Gráfica Editora Palloti, Editores Associados, 1997.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, Ed. da USP, 1968.

VARGAS, Iolanda Guimarães. *História da Sociedade Espanha de Socorros Mútuos de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1979.

WEBER, Regina. O avanço dos “italianos”. *História em Revista*. Pelotas. v. especial VII Encontro Estadual da ANPUH-RS. mar. 2005 (no prelo).

ZICMAN, Renée B. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. *Projeto História*. São Paulo. n. 4, jun. 1985. p. 89-102.

Fontes

AMIFEST- Associação de Amigos da Oktobertfest de Igrejinha. *13ª Oktoberfest: 2000 Igrejinha/RS* (folheto).

ADUFRGS (Associação dos Docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). *Informativo ADUFRGS*. n. 098/03, 18 nov. 2003. Mensagem recebida por: <reginaw@terra.com.br> em 18 nov. 2003.

BRASPOL. Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil. Disponível em : <<http://www.braspol.com.br/>> Acesso em: 12 mar. 2006.

CORREIO DO POVO. Porto Alegre. 1951-1953, 1940, 1942, 2005-2006.

FESTA DA UVA. Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <<http://www.cvc.com.br/campanhas/cvc/festauva/index.asp>> Acesso em: 11 mar. 2006.

NOTÍCIAS da comunidade polonesa no RS. Mensagem recebida por <naubergs@yahoo.com.br> em 30 nov. 2004.

PORTAL ASSEMBLÉIA GAÚCHA. Agência de Notícias. Disponível em: <<http://www.al.rs.gov.br/ag/noticias.asp?txtIDMateria=123052>> Acesso em: 11 mar. 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAVERAMA. *2ª Paveramafest*. 2004 (folheto).

UETI. União das Etnias de Ijuí. Disponível em <<http://www.unijui.tche.br/~ueti/etni.html>> Acesso em: 11 mar. 2006.